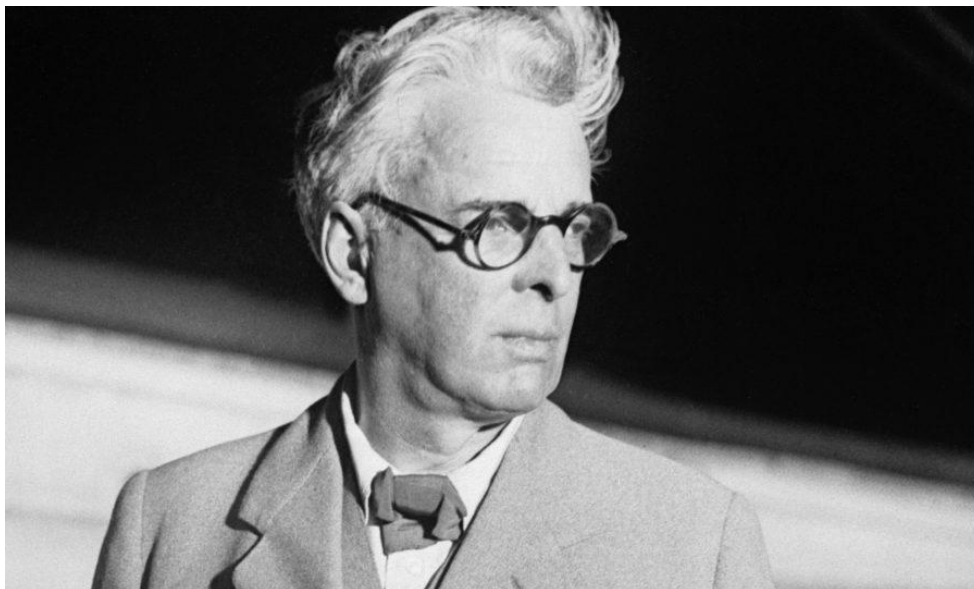


# O berço da “nova direita”: a guerra cultural



19 de novembro de 1997. Durante a “Semana da Consciência Negra”, na PUC do Rio de Janeiro, um jornalzinho feito por universitários intitulado *O Indivíduo* começou a ser distribuído pelo câmpus. Nele, havia um [artigo crítico ao tal evento](#), em que se afirmou: “O grande racismo, nada sutil, mas que pouca gente percebe, está em eventos como esta Semana de Consciência Negra. Primeiro, porque ninguém acharia bonito se fizéssemos uma Semana da Consciência Branca. Promover uma raça, qualquer que seja, é racismo”.

Duas horas depois de o jornal começar a ser distribuído, uma turba furiosa de mais de 50 pessoas cercou os quatro jovens responsáveis pelo jornal – Alvaro Velloso de Carvalho, Sérgio Coutinho de Biasi, Pedro Sette Câmara e José Roberto de Barros –, acusando-os de serem nazistas e racistas. Não admitiam a liberdade de alguém expressar sua opinião contrária à realização do evento, fundamentando-a com o mesmo valor defendido por eles próprios: ser contra o racismo, como a leitura do artigo prova a qualquer sujeito alfabetizado que o leia.

Não fosse a presença de seguranças da universidade, os jovens teriam sido agredidos. Mas o embate estava apenas começando. Foram levados a um representante da vice-reitoria comunitária. E aqui deixo um trecho do [relato](#) de um deles, Alvaro Velloso de Carvalho, do que se passou: “Ele fez uma leitura dinâmica do jornal, supervisionada por dois representantes da Cambralha, circulou com pilot fluorescente o editorial, os artigos do Pedro e o artigo do José Roberto. Na capa do jornal escreveu: ‘Recomendo Apreensão’”. E assim foi feito.

Foi o que bastou para que a turba, que cada vez mais aumentava em número, se sentisse autorizada a fazer “justiçamento”. Segue o Alvaro: “Num determinado momento, um sujeito cuspiu no rosto do Sérgio. Um pouco mais tarde, duas meninas cuspiram no rosto do Pedro, além de outra pessoa lhe ter acertado um soco no rosto, quando ele estava entrando no táxi para sair da PUC”. Os seguranças é que conseguiram fazê-los sair, alegando que duvidavam da capacidade deles de manter a integridade física dos rapazes intacta, em função do grande número de furibundos.

Dois dias depois o fato ganhou os jornais. O *Jornal do Brasil* publicou uma matéria ouvindo o reitor da época, que disse: “O jornal mostra um individualismo absoluto e um desprezo pelo coletivo, a começar pelo nome. As posições são reflexo do individualismo de hoje, onde o ser humano perde o sentido de solidariedade”. Para completar, o vice-reitor disse que a melhor resposta ao jornal foi “o próprio repúdio dos colegas”. Sim, você leu direito: reitor e vice-reitor defenderam a turba, a censura, as agressões e condenaram os responsáveis pelo jornalzinho. Fizeram pior: um dia depois, enviaram uma carta distribuída via correio a toda a comunidade universitária anunciando que seriam adotadas sanções contra os responsáveis pelo jornal.

O combate se deslocou para a imprensa a partir dali, com intelectuais defendendo e atacando os jovens (os que atacaram foram em maior número), até que o maior jornal do país resolveu noticiar o que acontecia: o *Jornal Nacional*, da Rede Globo. E noticiou no melhor estilo *fake news* de hoje em dia, recortando uma frase do artigo citado – “Querer falar de uma consciência negra como se ela fosse essencialmente diferente de uma consciência branca, ou árabe, é realmente estúpido” – para inverter seu sentido, mostrando-a assim ao telespectador: “Querer falar de uma consciência negra é realmente estúpido”. Foi de uma malícia ímpar, mas que já não surpreendia à época.

Não é preciso dizer que não houve outra edição do jornalzinho dentro da PUC. Quem quiser saber em detalhes sobre esses fatos tem nos links já apontados o melhor caminho, além da leitura do livro *O Imbecil Coletivo II*, de Olavo de Carvalho, onde vários dos artigos em defesa de *O Indivíduo* encontram-se disponíveis. Além disso, é possível ler o jornal distribuído naquele 19 de novembro de 1997, na íntegra, [no site de O Indivíduo](#), que foi refugiado na internet, existindo virtualmente desde então, transformando-se em um blog-site que virou referência para muitos despertados da mesma bolha gramsciana e de inspiração para o surgimento de outros tantos blogs e sites.

É por isso que considero este fato um dos grandes marcos dos primórdios que levaram ao surgimento da atual “nova direita”. Somente na internet era possível pensar e se expressar livremente. Somente pela internet era possível escapar e descobrir que existiam outras visões de mundo para além daquela monolítica hegemônica nas universidades e na imprensa. Mesmo Olavo de Carvalho, que sozinho fazia um estrago imenso nessa hegemonia na imprensa, e por isso despertava milhares de pessoas, só alcançava tanta gente por causa de seu site na internet. Aliás, a tática de seus adversários, logo que perceberam não serem páreo para derrotá-lo no plano do debate de ideias, foi a de calar sobre ele, não falar nada, fingir que não existia. Quando se tem a hegemonia, essa é a melhor tática mesmo. Não houvesse a internet e provavelmente isso teria dado certo. Mas, com a internet, os naufragos dessa cultura degradada, ideologizada até a medula e imbecilizante por isso mesmo, encontravam ao mesmo tempo um bunker e uma bússola.

A história da “nova direita”, portanto, é uma história nascida e vivida na e pela internet. Quando passamos o olhar pelas iniciativas que tentaram existir fora dela, no mundo “real”, é significativo que muito poucas vingaram. Tome-se o exemplo de revistas culturais, como a *Dicta & Contradicta* e a *Nabuco*, ambas com vida curta. A *Dicta* até permanece viva como um blog pouco atualizado, mas na prática acabou faz tempo. Assim como *O Indivíduo* teve apenas uma única edição em papel, mas permanece em atividade, ainda que com intervalos, há mais de 20 anos.

As causas para essa dificuldade de transcender a internet são várias, mas uma delas aquele evento ocorrido em 1997 também nos esclarece. A mesma “recepção” e reação ao jornalzinho *O Indivíduo* aconteceu no ano passado, com os conflitos havidos em várias universidades por causa da mera exibição de um documentário sobre Olavo de Carvalho. Os coletivos esquerdistas tentaram intimidar e censurar da mesma forma como fizeram 20 anos atrás. A diferença é que a bolha gramsciana estourou de fato na sociedade e absurdos como os ocorridos na PUC do Rio de Janeiro já não podem ser cometidos à luz do dia e impunemente. Ainda assim, fica claro que a “nova direita” nasceu em um ambiente cultural de guerra que tornou tudo muito mais difícil do que deveria ser em um contexto cultural normal, onde as ideias circulam e o debate é a regra, não a exceção.

Por que chamar isso de guerra? Conforme ensina Eugen Rosenstock-Huussy, em seu já clássico *A Origem da Linguagem*: “O problema na guerra (...) é que a linguagem não deve ser verdadeira senão no interior de um espaço limitado. Em outras palavras, na guerra sobressai o caráter regionalista da verdade. Eu não acredito no que o inimigo diz; e, sem me importar com o que ele diga, faço a guerra contra ele”. É precisamente o que fizeram contra o jornalzinho a turba odienta e os reitores censores. Tanto faz, como tanto fez, o que escreveram, disseram ou pensaram aqueles jovens idealizadores do jornalzinho. Uma única coisa interessava: de que lado eles estavam. Para não restar dúvida disso, vejamos o que o vice-reitor comunitário disse a dois dos jovens naquele dia: “Parece que vocês falaram mal da Semana de Consciência Negra e isso não pega bem, né?”

E é disso que se trata em uma guerra cultural. Dane-se a verdade, dane-se o bom senso, dane-se tudo: só interessa o que “pega bem” dentro do grupo ao qual o sujeito pertence. Essa é a grande “conquista” do gramscismo: a divisão total da cultura e da sociedade em dois lados imunes às palavras vindas de fora e hipersensíveis às palavras vindas de dentro do seu lado. Nesse caso, tudo o que interessa é calar o outro lado e, se não for possível, não lhe dar ouvidos. Como continua ensinando Rosenstock-Huussy: “A vitória na guerra implica não ter escutado o inimigo!”

Em um tal estado de beligerância, fica evidente que a própria cultura é inviabilizada. Como plantar ou colher algo enquanto o terreno está tomado de soldados se matando? Ou se entra na batalha para ajudar a encerrá-la, ou se foge dela esperando que um dia termine. Dos que fogem a natureza cuida, mas o risco dos combatentes valentes é acharem que a vitória a qualquer preço é o que interessa. Basta dar um mínimo de atenção a algumas das discussões dentro da “nova direita”, aliás, para se constatar que esse risco é real e pode matar no berço um renascimento cultural que se tornou, enfim, possível. São raros os debates reais, quase não acontecem de fato. Basta a mínima diferença para imediatamente a discussão ser encerrada com um “block” ou, o que é mais comum, um lado sair carimbando o outro como “falso direitista”, “comunista enrustido”, “socialista fabiano”, “fanático” e está

resolvido, não seria preciso mais escutar nada do que o outro tenha a dizer. É o equivalente da rotulação de “fascista” ou “racista” com que a esquerda recusa ouvir e impede de falar quem não seja da sua turma.

Enfim, qualquer um despertado da bolha gramscista é, no mesmo ato, convocado ao campo de batalha cultural, mesmo não estando minimamente preparado para isso. É a tragédia do nosso tempo. Daí porque é fácil de diagnosticar os dois maiores defeitos da “nova direita” desde a sua origem: a covardia dos melhores e a temeridade dos piores. Como no poema famoso de Yeats “A Segunda Vinda”, dois versos resumem quase toda a “nova direita” brasileira: “Aos melhores falta toda convicção, enquanto os piores estão cheios de apaixonada intensidade”. Daí porque dois estilos se consolidaram nesse meio cultural mais à direita na internet: a ironia impotente e a sátira humilhante. Mas disso trato na semana que vem.

## A negra noite da consciência

Às vezes me pergunto em que país eu vivo. Porém, o testemunho da minha consciência me faz ver que a loucura que gera esta questão tem origem nos outros, e não numa possível ilusão geográfica minha. Eu continuo são, e meus olhos não me enganam. A única coisa que persiste é, talvez, a sensação de que eu preferia estar profundamente errado ou meio doido mesmo.

Foi exatamente assim que eu me senti ao descobrir que se realizaria na PUC uma Semana de Consciência Negra, um evento inspirado na idéia norte-americana do “politicamente correto”. Acredito mesmo que isso só possa ser fruto da tal “colonização cultural”, um fenômeno que, em tempos de “globalização”, ficou meio esquecido, mas que, infelizmente, existe sim: basta olhar para os negros brasileiros, que, em termos de aceitação social, têm uma vida muito melhor do que a dos negros americanos – lá nos EUA existe racismo mesmo – querendo

importar os problemas deles.

Se pudéssemos apontar qual o maior exemplo – quiça único – que o Brasil dá à humanidade, ele está na convivência interracial e multicultural. Só aqui, na TV, passa comercial de programa árabe durante o programa judeu. Só aqui todo mundo convive muito bem, sem Ku Klux Klan e sem ódio “étnico”. A única parte que assume isso são os skinheads e todo mundo sabe muito bem que eles são considerados um grupo malévolos à parte que deve ser combatido.

(Alguém pode dizer: “aqui o racismo é sutil”. Eu pergunto: o que é “racismo sutil”? Quem não gosta de uma raça sempre manifesta isso de uma maneira que qualquer espírito, ainda que não muito sutil, percebe.)

O grande racismo, nada sutil, mas que pouca gente percebe, está em eventos como esta Semana de Consciência Negra. Primeiro, porque ninguém acharia bonito se fizéssemos uma Semana da Consciência Branca. Promover uma raça, qualquer que seja, é racismo. E eu não vejo nenhuma razão para tolerar nos outros o que eles pretendem condenar em mim. A única razão que se poderia alegar para que eu tolerasse isso é uma certa infantilidade da parte deles. É em criança que se tolera esse tipo de atitude.

Donde se conclui o óbvio: uma Semana de Consciência Negra depõe contra a própria raça negra, como se esta fosse composta de pessoas que precisassem desesperadamente de auto-afirmação. Auto-afirmação, aliás, equivocada: nenhuma produção de cultura negra será boa ou relevante para a humanidade por ser negra, mas por ser cultura (não no sentido antropológico do termo). O poeta Cruz e Souza não se destaca como um poeta de relevância universal por ter sido negro, mas pelo valor da sua poesia, que teria o mesmo valor se tivesse sido escrita por um viking.

Querer falar de uma consciência negra como se esta fosse essencialmente diferente de uma consciência branca, ou árabe, é realmente estúpido. Porque, sendo diferente, e havendo tamanho esforço para celebrá-la e estimulá-la, só se pode concluir que ela seja ou superior ou inferior às outras. Faz-se tanto pela consciência negra para ajudar ao mais fraco; ou então celebra-se tanto a consciência negra por ela ser superior, a base mesmo da nossa civilização. A primeira é um nazismo patético às avessas; a segunda é nazismo mesmo – e com nazista eu não converso.

Um argumento que é utilizado pela comunidade negra (já pensou como soaria comunidade branca?) é o de reparação. Reparação das injustiças que foram cometidas contra os negros, escravizando-os, tirando-os da sua terra, etc. Bem. Os faraós egípcios, que, segundo alguns, eram negros, escravizaram vários povos durante mais de mil anos. A escravidão era prática comum entre as tribos africanas e todos sabemos que os negros das tribos mais fortes foram cúmplices dos europeus no comércio de escravos. Assim sendo, sugiro que os negros que desejam reparação façam árvores genealógicas para ir cobrá-la dos descendentes dos negros escravizadores. E, antes disso, peçam a conta a todos os povos escravizados pelos egípcios.

O pior mesmo é que ninguém atenta para isto. Só quando trouxeram a prática norte-americana (já banida) de “ação afirmativa” é que vão perceber. Houve na PUC, durante a Semana, um seminário sobre o tema. Para quem não sabe, “ação afirmativa” (“affirmative action” mesmo) é uma prática evidentemente racista que consiste em garantir uma porcentagem x de lugares para as minorias em certos meios dos quais elas se sentem excluídas – por exemplo, as universidades. Evidentemente racista porque toda decisão tomada com base em raça é racista. Assim, as universidades são obrigadas por lei a admitir tantos negros, de acordo com uma proporção matemática extraída no número de negros na região. A grande diferença dos EUA para o Brasil, neste sentido, é que lá, na hora de você entrar na universidade – falo por experiência própria – você fundamentalmente manda o seu currículo.

Aqui no Brasil o sistema é de vestibular, e cada universidade tem o seu. Já imaginaram a beleza que vai ser, se a “ação afirmativa” vier para cá, o vestibular? Salas para negros – que ou farão provas bem mais fáceis ou terão critérios mais brandos de avaliação, já que a universidade é obrigada por lei a ter em seus quadros um percentual predeterminado de alunos negros – e salas para brancos? Isto aí é ou não é a explicitação de uma demência completa?

Ninguém vê porque a consciência mesma, seja negra, branca, grega ou troiana, está mergulhada numa noite de preconceitos. E o preconceito é um tipo de cegueira intelectual. São cegos perdidos à noite que só tem outros cegos para os guiarem e que crêem que a cura da cegueira seja mais cegueira. O ruim com o ruim não dá bom: dá pior. Estas práticas, que só aumentaram o racismo nos EUA, produzirão um efeito muito mais nefasto no Brasil, que apesar de não ter valores culturais tão arraigados, têm como maior valor a boa convivência racial. Todo este discurso só vai ter como único resultado a importação de um problema que nós não temos. Vão inventar a consciência de uma contradição que não existe, e o Brasil vai dar mais um passo para longe da realidade.

## Breve relato de um atentado à inteligência

*Texto de palestra proferida em Porto Alegre, 05/01/98*

Caros senhores, a julgar pelo noticiário dos últimos dois meses da imprensa carioca, este rapaz que se encontra agora à sua frente é um perigoso fomentador do ódio, um perseguidor das minorias oprimidas, uma grave ameaça ao Estado democrático. Parece descabido, ou até mesmo absurdo? Concordo. Mas vejamos os fatos.

Sérgio Coutinho de Biasi, Pedro Sette Câmara e José Roberto de Barros são três amigos meus, que estudavam comigo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Conversávamos muito, os quatro, sobre uma estranha homogeneidade do discurso imperante na universidade. A doutrinação “politicamente correta” parecia ter penetrado a fundo no meio em que estávamos e isso nos parecia preocupante, por razões que exporei mais à frente.

Tanto falamos – nesse e em diversos outros assuntos de filosofia, ciência, poesia, etc. – que resolvemos publicar nossas opiniões. Fizemos um jornal chamado “O Indivíduo”.

E aí vem a primeira pergunta: por que o título?

Em primeiro lugar, devo esclarecer que não se trata de defender o individualismo egocêntrico. Infelizmente, a maioria das pessoas vê o mundo segundo as categorias mais infantis e acha que se falamos em indivíduos é porque somos individualistas e se falamos em coletividades somos altruístas.

Na verdade, a nossa idéia é semelhante à expressa no seguinte trecho de Ortega y Gasset (1):

*Nadie puede vivirme mi vida; tengo yo por mi propia y exclusiva cuenta que írmela viviendo, sorbiendo sus alborozos, apurando sus amarguras, aguantando sus dolores, hirviendo en sus entusiasmos.*

Ora, cabe ao próprio ser humano a responsabilidade por todos os seus atos, inclusive os atos de consciência. Quando dizemos que a juventude ‘pensa’ de determinado jeito, estamos usando uma metáfora, pois quem pensa é cada jovem, individualmente, não a coletividade. Quem deve se responsabilizar pelo que estou dizendo agora sou eu, não a juventude. Se eu dissesse que falo em nome da juventude, estaria falando em sentido figurado, pois em última análise só posso falar por mim mesmo (2). O todo social não tem consciência, nem responsabilidade moral. A consciência surge no próprio indivíduo, da unidade do corpo biológico.



Por isso falamos em indivíduos: é muito vago falar “para a juventude”, “para a classe social”, “para a comunidade acadêmica”. Falamos, sim, para cada um em particular, conclamando cada membro das coletividades a examinar a própria consciência, a fim de questionar as idéias a que tem aderido. Trata-se de um diálogo de consciência a consciência, entre seres humanos que se reconhecem como portadores de conhecimentos pelos quais têm de se responsabilizar não perante o consenso acadêmico ou perante a juventude, mas perante a própria consciência. Perante aquele fundo insubornável de que falava Ortega y Gasset, onde o homem admite para si mesmo, entre quatro paredes, o que não tem coragem de admitir em público.

O nosso convite é para um exame dessa natureza. Para um questionamento daquilo que é dado como certo e inquestionável pela mídia e pela *intelligentzia*.

Claro que não se trata de individualismo, mas muito pelo contrário: como querer montar uma coletividade verdadeira se não respeitamos a individualidade de cada um? Como querer falar em coletividades que pensam por si só, como se os indivíduos que as compõem não fossem o mais importante? É só do entrecruzamento de consciências, do emaranhado de vidas psíquicas diversas, que pode surgir a coletividade verdadeira.

O individualismo egocêntrico reduz cada indivíduo a uma entidade auto-suficiente sem maior interesse para o resto do mundo. Não é disso que estamos falando. Estamos falando contra o coletivismo inquisitorial, que pretende que todos sigam uma determinada idéia como se ela fosse um dogma inquestionável. Estamos falando contra a adesão irracional a uma idéia sem o devido exame. Somos, enfim, contra o espírito de rebanho de que falava Nietzsche, tendência natural do ser humano. Não queremos tratar com gado: queremos tratar com indivíduos conscientes.

Que não se tome essa “consciência” no sentido político. Não falamos de indivíduos conscientes da mesma forma que falam as esquerdas. Não se trata de conscientizar ninguém da sua condição social ou coisas desse tipo, mas de levar cada um a admitir para si mesmo aquilo que sabe, a analisar as idéias que diz professar à luz do próprio eu, ou do fundo insubornável de que falei acima.

Mas voltemos aos fatos. Com essa linha editorial, francamente avessa a ideologias e ações políticas, o jornal foi sendo elaborado. Cada um de nós escreveu um artigo sobre o tema que lhe conviesse.

O [Sérgio escreveu um ensaio](#) defendendo um estreitamento dos laços entre ciência e filosofia; o José Roberto fez um artigo sobre três projetos de lei da deputada Marta Suplicy; [eu fiz um artigo sobre Canudos](#), que questionava o posicionamento ideológico que nubla a mente dos nossos historiadores; e o [Pedro trouxe um artigo humorístico](#) ao estilo Agamenon Mendes Pedreira (3), um [poema lírico-intimista](#) e [um ensaio sobre a Semana de Consciência Negra realizada na PUC](#) algumas semanas antes do jornal.

Não vi nada de perigoso ou estranho em nenhum dos textos, concordando em geral com suas opiniões, com algumas ressalvas ao texto do Sérgio, que me parece excessivamente cientificista, e outras ao do José Roberto, que apresenta argumentos neo-darwinistas. Apesar das ressalvas, não sugeri qualquer mudança. Não me agrada a idéia de mexer em textos alheios, até pela minha própria defesa da individualidade. O nome do jornal não era “O Indivíduo”? Então, que se respeitasse a individualidade de cada um. Eu jamais me arrogaria o papel de censor.

Mesmo assim, ao ser lançado, o jornal causou escândalo. Muitos pareciam se sentir no direito de se arrogar esse papel...

Duas horas depois do início da distribuição do jornal, no dia 19 de novembro, fomos cercados por mais de cinqüenta pessoas que berravam, enfurecidos: NAZISTAS! FASCISTAS!

Todos negavam o nosso direito de fazer um texto humorístico sobre o movimento artístico de alguns alunos da PUC, a “Cambralha”. Todos diziam que o texto sobre a consciência negra era racista. Chegaram a querer colocar contra nós os seguranças da PUC, que são negros, dizendo para eles que defendíamos a raça pura e o extermínio dos negros. Ainda bem que os seguranças não lhes deram ouvidos, pois foi só graças à ação deles que saímos de lá vivos.

Fomos levados a um representante da vice-reitoria comunitária. Ele fez uma leitura dinâmica do jornal, supervisionada por dois representantes da Cambralha, circulou com pilot fluorescente o editorial, os artigos do Pedro e o artigo do José Roberto. Na capa do jornal escreveu: Recomendo Apreensão.

Dito e feito. Alguns minutos depois a segurança tinha ordens expressas de recolher todos os exemplares de “O Indivíduo”. Enquanto isso, a multidão que berrava contra nós e ameaçava queimar os jornais junto com nossos corpos crescia.

O raciocínio é simples: se um sujeito ameaça te matar, isso é uma bobagem. Agora, se um sujeito armado ameaça te matar, é bom você começar a se preocupar. Assim era a situação: o grupo enraivecido de cem alunos ameaçando matar três. (4)

Num determinado momento, um sujeito cuspiu no rosto do Sérgio. Um pouco mais tarde, duas meninas cuspiram no rosto do Pedro, além de outra pessoa lhe ter acertado um soco no rosto, quando ele estava entrando no táxi para sair da PUC. Vale lembrar que essa saída se deu por caminhos tortuosos, pois os seguranças dividavam da possibilidade de nos manter vivos se continuássemos lá dentro. Saímos eu e o Sérgio num táxi e o Pedro em outro, pois tinha se separado de nós para fazer uma prova.

Pouco antes de irmos embora, eu e o Sérgio fomos chamados para uma conversa com o vice-reitor comunitário. Ele estava visivelmente irritado, confessou que não tinha lido o jornal e saiu-se com a seguinte pérola:

*— Parece que vocês falaram mal da semana de consciência negra e isso não pega bem, né? Além disso, estamos numa universidade católica...*

Nesse momento quem se irritou fui eu, um sujeito normalmente calmo. Respondi que os católicos éramos nós e não aquela turba que saía pela PUC berrando palavras de ordem marxistas. Nesse momento exato, estavam todos reunidos fazendo para nós a saudação nazista.

O vice-reitor não me respondeu e negou veementemente qualquer possibilidade de termos uma audiência com o reitor:

*— Ele está analisando o jornal e vocês serão avisados de qualquer providência administrativa a ser tomada contra vocês.*  
Depois dessa, só nos restava mesmo tomar um táxi.

Aí é que a história começa na imprensa. Enviei o material para o IEE, pois me disseram que ele seria distribuídos aos senhores. Não sei se isso aconteceu, logo, aí vai um breve resumo:

Quem logo assumiu a nossa defesa foi o professor Olavo de Carvalho, cujo seminário de filosofia eu e o Pedro freqüentamos. Ele logo preparou um artigo e enviou a “O Globo” e à “Folha de S. Paulo”. A resposta do diretor de redação do Globo:

*— Ah, é aquele jornalzinho nazista?*

Já a “Folha” publicou uma nota do Olavo na sua edição de domingo daquela semana, relatando o caso como perseguição à liberdade de expressão.

Acontece que, antes disso, na quinta-feira, dia 20, o “Jornal do Brasil” publicou uma notinha que falava em ‘cenas de racismo na PUC-Rio’. No dia seguinte, o assunto ganhava chamada na primeira página do JB e uma matéria em que o reitor da PUC dizia o seguinte:

*O jornal mostra um individualismo absoluto e um desprezo pelo coletivo, a começar pelo nome. As posições são reflexo do individualismo de hoje, onde o ser humano perde o sentido de solidariedade.*  
É difícil descrever o meu espanto.

O vice-reitor dizia, na mesma matéria, que a melhor resposta a nós foi “o próprio repúdio dos colegas”.

Mas não foi tudo: no dia seguinte, a reitoria anunciava, no mesmo JB, que ia nos punir:

*As vice-reitorias Acadêmica e Comunitária tomarão as medidas necessárias para que tais fatos não se repitam e para que os autores sejam responsabilizados por sua conduta.*

Mas não, isso não foi uma declaração a um jornal. Isso é um trecho de **uma carta distribuída via correio a toda a comunidade da PUC**, na qual o reitor dizia coisas como:

*Os redatores se apresentam como campeões do individualismo e atacam tudo que lhes desagrade. Não quero negar a legítima liberdade de expressão e o pluralismo de opiniões. Porém, não posso concordar com o individualismo que ignora a solidariedade humana e o sentido cristão de fraternidade. Além disso, é completamente inadmissível que, com argumentos falaciosos, se veicule o ódio, o desprezo e a injúria direta contra os que pensam ou agem de modo diferente dos autores do panfleto.*

Notaram a contradição? Notaram que ele fala em liberdade de expressão e logo depois nega que nós possamos exercer a nossa? Mais adiante, ele nos acusava de ter ultrapassado as fronteiras do delitivo – em português claro, de cometer um crime. Tanta burrice, tanto fanatismo, tanta incompreensão, tanta malícia no reitor de uma das principais universidades do Rio de Janeiro? As coisas andam mal na educação desse país.

Mas voltando à imprensa: no domingo, dia 23/11, o JB, por algum milagre, resolveu respeitar nosso direito de resposta e publicou uma reportagem do repórter Renato Lemos que mostrava, com fidelidade, a nossa posição, além de publicar o artigo do Olavo que havia sido enviado ao Globo no início da confusão.

As coisas estavam em suspenso, até que o articulista Elio Gaspari publicou um artigo, no Globo e na Folha de S. Paulo, em que defendia o nosso direito à liberdade de expressão, ainda que de forma tímida, aproveitando ainda para recordar um caso ocorrido com comunistas expulsos da PUC em 1962.

Esse artigo deu início a uma nova série de reportagens: uma no Globo, em que a repórter distorceu o sentido das frases do Pedro e entrevistou um advogado que estava preparando – só agora! – um manifesto a favor dos comunistas de 62 e dizia categoricamente (sem ter lido O Indivíduo): “esses meninos são racistas mesmo”. Outra, curtiinha, na Folha de S. Paulo, em que a repórter relatava com fidelidade os fatos. E uma na Veja-Rio que era um amontoado de absurdos: dizia, entre outras coisas, que o Sérgio tinha escrito uma carta à reitoria se desculpando pelos excessos do jornal e ainda tinha uma declaração de um frei pedindo direito de resposta contra nós. É uma piada: direito de resposta contra um jornaleco de 400 exemplares de distribuição interna na PUC, por um frei que uma semana antes escrevera um artigo enorme na página de Opinião do JB nos esculhambando, com argumentos falaciosos. Enviamos ao JB uma resposta ao artigo do frei, mas quem disse que eles publicaram? Como também não publicaram a carta do escritor Antonio Fernando Borges nos apoiando; como O Globo não publicou a carta do roteirista Leopoldo Serran também nos apoiando.

Mas um detalhe saltou aos olhos: na matéria do Globo, o reitor declarava que a nossa falha não era assim tão grave. Quer dizer, de forma muito canalha, com muita timidez, declarou que estava errado. Afinal, não posso imaginar que o reitor ache que o crime de racismo não é uma falha grave... Só que a acusação foi espalhada para toda a comunidade, mas o desmentido ficou escondido numa declaração no jornal.

Surgiu um alento com o artigo do escritor Carlos Heitor Cony, na Folha de S. Paulo, classificando de ‘prepotente’ a ação do reitor. Na segunda-feira, 01/12, o filósofo e embaixador J. O. de Meira Penna publicava um artigo no Jornal da Tarde também nos apoiando. Uma semana depois, o maior jurista vivo do país, dr. Miguel Reale, também publicava um artigo de apoio a nós no Jornal da Tarde.

Quadro animador? Não. Fomos entrevistados, eu e o Pedro, para o Jornal do Brasil, por um sujeito chamado Cláudio Cordovil. Embora confessasse, durante a entrevista, não estar entendendo nossas declarações e não conhecer nenhum dos autores que citávamos, esse sujeito não hesitou em publicar uma reportagem de página inteira, no suplemento cultural de domingo, 14/12, com o título “A extrema-direita faz escola na PUC”. Não fez isso sozinho: estava acompanhado de um psicanalista, um cientista político e um “filósofo”. A quantidade de besteiras contidas nessa matéria está além do meu poder de síntese e podem ser verificadas na mesma. Olavo de Carvalho elaborou uma resposta, explicitando uma por uma, que acabou sendo publicada no JB do outro domingo, 21/12.

Mas o espírito totalitário (e a vontade de nos crucificar) do JB não podia deixar por menos: na segunda-feira, 22/12, junto com uma carta do Sérgio, saía um artigo do Cordovil dizendo que ‘as maiores revelações sobre o complô na PUC ainda estavam nas fitas, não tinham sido publicadas’, o que foi a coisa mais espantosa que já vi nos jornais: um repórter confessando, no próprio jornal em que escreve, ter sonegado informações. O artigo trazia acusações a nós e ao Olavo.

Na terça, 23/12, saíam as respostas do psicanalista, Joel Birman, e do cientista político, Luís Eduardo Soares, além de uma carta do Pedro. Novas acusações, novas injúrias, novas baboseiras. Pergunta: nós respondemos? Sim. Eu escrevi uma resposta, o Olavo escreveu uma outra, eu e o Pedro escrevemos juntos uma terceira. Estamos até hoje aguardando a publicação. Notem que isso é violação do direito constitucional: quando alguém é difamado, tem o direito de responder. Se o outro voltar a falar, o difamado tem direito de se defender novamente. Direito de resposta tem que ser em número par: A ataca B; B responde a A. Se A volta a

atacar B, B tem de novo o direito de responder a A. Do contrário, fica evidente a predileção do órgão de imprensa pelo lado que ataca. Alguém ainda duvida disso?

Mas não foi só a imprensa escrita que entrou na história. O jornal local da Rede Globo, RJ-TV, fez uma matéria que já dava por pressuposto que o jornal era racista, entrevistava alguns dos nossos agressores e terminava com o apresentador dizendo: “os editores do jornal negam a acusação”, que foi a única linha a que tivemos direito. Já a Globo News, do grupo Globosat, promoveu uma entrevista com o Pedro e o Olavo. O reitor também foi chamado para o programa, mas se recusou a ir. Agora, o pior de todos foi o Jornal Nacional: numa reportagem que dizia que o racismo está crescendo no Rio, o Jornal enfocava a prisão de uma pessoa por racismo e dava como outro exemplo a existência do nosso jornal. Não sei se as pessoas perceberam que a reportagem se desmentia a si mesma, ao mostrar que houve um caso em que a lei de racismo pôde ser aplicada com sucesso e nem se perguntar como no nosso caso, se era racismo mesmo, ninguém teve coragem de apresentar a acusação perante os tribunais.

Mas o expediente que eles usaram foi o mais baixo, o mais absurdo possível. No trecho do artigo sobre a Consciência Negra em que o Pedro escreve:

*Querer falar de uma consciência negra como se ela fosse essencialmente diferente de uma consciência branca, ou árabe, é realmente estúpido. (5)*

O Jornal Nacional mostra ao público:

*Querer falar de uma consciência negra é realmente estúpido.*

O que era pregação da integração entre as raças vira desprezo por uma delas. O que defendia que não se levasse em consideração o fator raça para nada de súbito aparece como identificação do negro com a estupidez.

É impressionante como se pode inverter totalmente o sentido de um texto simplesmente tirando dele alguns pedaços.

No rádio, O Indivíduo foi noticiado através de um jornalista e cronista chamado Mário Negreiros, que fez quatro crônicas radiofônicas em nosso favor, além de um artigo num jornal português.

O caso deve chegar às livrarias agora em janeiro, como a segunda parte do livro O Imbecil Coletivo II, em que o professor Olavo de Carvalho fará uma coletânea de seus artigos sobre o caso, além de juntar artigos e cartas em nosso favor escritos por outras pessoas, inclusive alguns já citados.

Este é o caso. São muitos os detalhes impressionantes, são muitos os temas a se discutir. Mas o que me parece mais incrível são dois pontos que foram completamente ignorados pela imprensa: como é possível que quatro jovens publiquem um jornalzinho e causem um escândalo tão grande? E mais ainda: como é possível que a reação histórica de um determinado grupo de alunos seja aplaudida e reforçada por uma santa aliança de autoridades universitárias, professores universitários e órgãos de imprensa escrita e televisiva?

Não tenho respostas prontas, mas tenho uma boa hipótese: a dominação esquerdista dos meios de comunicação e das universidades.

Mas como se liga uma coisa a outra? Façamos um breve exame das técnicas que essa dominação usou para chegar a esse estágio avançado.

O expediente que eles usaram contra nós foi lançar um “rótulo odioso”. Esse expediente é descrito por Arthur Schopenhauer da seguinte forma (6):

Um modo de eliminar ou, ao menos, de tornar suspeita uma afirmação do adversário é reduzi-la a uma categoria geralmente detestada, ainda que a relação seja pouco rigorosa e tão só de vaga semelhança. Por exemplo: “Isso é maniqueísmo”, “É arrianismo”, “É idealismo” (...). Com isto, fazemos duas suposições: 1) que aquela afirmação é efetivamente idêntica a essa categoria ou, ao menos, está compreendida nela e estamos dizendo: “Ah, isto nós já sabemos!”; e 2) que esta categoria já está de todo refutada e não pode conter nenhuma palavra verdadeira.



Tivemos os exemplos mais perfeitos disso, seja das formas mais grosseiras (“nazismo”, “racismo”), como das mais intelectualizadas (“individualismo”, “misticismo”, “conservadorismo”).

Visto isso, pouco importa se as pessoas entenderam o que escrevemos ou não: somos detestáveis de qualquer maneira. Esse modo de proceder para vencer o adversário está tão difundido nos meios intelectuais que qualquer um que pretenda fazer uma argumentação lógica e demonstrar seus argumentos está fadado a receber em troca bocejos. Quando não receber cusparadas e rótulos odiosos, claro.

Mas isso não é tudo. O rótulo odioso é usado pela nossa esquerda em companhia de um outro estratagema: a manipulação semântica. Trata-se de dar a determinados conceitos um sentido único, de forma que não consigamos nem sequer pensar de forma diferente deles, por falta de vocabulário. Um exemplo claro ocorreu hoje, quando tive que explicitar que não falava em conscientização no sentido esquerdista.

Como aponta Olavo de Carvalho (7):

*Se o orador sempre fala sozinho para a multidão, sem um oponente que venha equilibrar as coisas invertendo as conotações forçadas que ele dá a certos termos, estas vão aos poucos entrando no uso diário e o povo acaba por tomá-las como definições rigorosas; a ênfase postiça anexa-se de modo definitivo ao significado, e se torna impossível pensar o seu objeto independentemente do valor afirmado ou negado na palavra mesma.*

E continua, mais adiante:

*O domínio esquerdista do vocabulário é total e irrestrito, o que faz com que cada cidadão brasileiro, ao discordar da esquerda, se veja desprovido de meios de expressão que não estejam sobrecarregados de um temível potencial de malentendidos; aos poucos, a dificuldade de falar vira dificuldade de pensar. Hoje em dia, o debate cultural no Brasil não opõe senão as facções de esquerda umas às outras: o resto é tomado como mero discurso ideológico que não deve ser discutido, apenas explicado pelos interesses objetivos que o produzem e que ele encobre. [grifo meu]*

Essa situação foi criada pelo domínio das esquerdas nos meios intelectuais e na mídia, como eu dizia acima. Quando se explicita isso, fica bastante claro por que causamos tanto escândalo: é que falamos coisas que não estão em voga.

No meio daquela multidão enfurecida, dificilmente encontraríamos algum que tivesse lido qualquer coisa que não o discurso esquerdista. Eles são culpados por isso? Claro que são. Ninguém é obrigado a aceitar tudo que o meio em torno lhe transmite. Mas também são vítimas.

Vítimas de seus professores, do meio intelectual, dos jornalistas, do reitor. Foram eles que transformaram a universidade numa escola de adestramento, num circo de aberrações. Foram eles que inculcaram esse discurso e esse modo de agir nesses jovens.

Por isso não é difícil perceber o porquê do apoio que os agressores puquinanos receberam. Eles nada mais são que os agentes mais exaltados dos verdadeiros agressores. É natural que esse tipo de ação política utilize jovens como agentes (8). Na juventude, a necessidade de auto-afirmação é maior, o que faz com que o jovem mais facilmente seja acometido do tal espírito de rebanho: para ser aceito pela comunidade, o jovem adere às idéias que essa comunidade professa. Isso se alia ainda à necessidade de modelos, que faz com que os jovens aceitem sem muito espírito crítico o que seus professores lhes dizem. (9)

A consequência psicológica dessa utilização é devastadora: leva os jovens a exagerarem sua própria importância, se sentindo grandes heróis libertadores lutando contra as forças opressoras do capitalismo. Claro que indivíduos tão lisonjeados serão incapazes de lidar com as dificuldades e limitações da vida adulta e terão uma tendência à violência.

Em outras palavras, tanto a leitura errada quanto as agressões de que fomos vítimas por parte dos alunos têm uma origem bem definida: foi na PUC que aprenderam a ler assim, foi na PUC que aprenderam a agir assim.

Aprenderam que qualquer discurso que não fale nos excluídos, nos proletários, na equidade social, nos males da globalização; que não faça reverência aos santos do meio acadêmico, como Antonio Gramsci, Che Guevara, Michel Foucault, Karl Marx; que não pretenda mudar o mundo, mas apenas conchamar os indivíduos à reflexão ou a tentar compreender o mundo – qualquer discurso assim deve ser desconsiderado e taxado de direito, logo, de fascista, logo, de nazista. E como nazistas representam um enorme perigo, atacá-los fisicamente torna-se perfeitamente legítimo.

Não é outra senão essa lógica perversa que explica o porquê de um editorial que falava em respeito à individualidade e em diálogo entre consciências ser taxado de individualista; de um artigo que usava argumentos científicos contra uma lei que favorece um determinado grupo da sociedade ser considerado ofensivo a esse grupo; de um ensaio que celebrava a sociedade brasileira por sua pacífica convivência interracial ser chamado de racista.

Este último caso é o mais claro: alguns setores extremados do movimento negro querem ter o monopólio do racismo. Querem que qualquer pessoa que fale contra algumas de suas políticas seja imediatamente considerado racista. Pretendem representar o bem supremo. Se agarram de tal modo a suas causas que quem quer que levante uma única objeção contra elas se torna objeto de ódio e perseguição. Esse o sentido do termo 'politicamente correto': é a linha justa, qualquer um que saia dela deve ser imediatamente punido, pois está fora da linha, ou é incorreto, logo, moralmente condenável.

Mas, por ser falaciosa, essa condenação jamais se dará nos tribunais. Dar-se-á na mídia, infestada por repórteres prontos a propagar as idéias politicamente corretas, prontos a contribuir para a caça às bruxas promovida pela intelligentzia esquerdista. A mesma imprensa onde a acusação é estampada em letras garrafais nas manchetes e o desmentido, quando é publicado, é escondido em letras pequenas nas páginas internas.

O episódio provocado pelos arruaceiros da PUC em torno de "O Indivíduo" é uma demonstração deprimente desse estado de coisas. É um alerta sobre a grave ameaça à liberdade de expressão que ronda o nosso país, produto dessa aliança perversa entre reitores inquisitoriais, professores esquerdistas desonestos, alunos obedientes e mídia pronta a publicar a versão do fato que mais interessar à intelligentzia.

Pelo que se viu nesse caso, no Brasil, responder a argumentos com socos e cusparadas é louvável; ler maliciosamente e atentar contra a liberdade de expressão do escritor é democrático; inventar conspirações nazificantes é grande jornalismo. O destino de um país que permite que essas coisas aconteçam não me parece ser dos mais animadores...

Rio de Janeiro, 03/04 de janeiro de 1998.

#### **NOTAS:**

(1) v. ORTEGA Y GASSET, José. En torno a Galileo, Revista de Occidente en Alianza Editorial, Madrid, 1994.

(2) Mesmo agora, quando falo na primeira pessoa do plural, na verdade estou falando por mim. O que me permite falar em nome dos outros editores é uma aproximação de idéias sobre este determinado ponto, mas com certeza se quem estivesse aqui fosse outro deles, a forma de apresentar os argumentos seria bastante diferente, pois cada um de nós dá um determinado enfoque à questão, embora esses enfoques se assemelhem.

(3) Personagem criado por membros do grupo Casseta & Planeta numa coluna semanal do jornal "O Globo"

(4) O José Roberto não estava na PUC durante a confusão. Após algum tempo, ficamos só eu e o Sérgio, tendo o Pedro ido fazer uma prova – sempre cercado por seguranças.

(5) Jornal "O Indivíduo", número zero, novembro de 1997, p. 9

(6) v. SCHOPENHAUER, Arthur. Como vencer um debate sem precisar ter razão; introdução, notas e comentários de Olavo de Carvalho; tradução de Olavo de Carvalho e Daniela Caldas; Topbooks, Rio de Janeiro, 1997.

(7) v. SCHOPENHAUER, Arthur, op. cit.

(8) Excelentes comentários a respeito estão no penúltimo capítulo do livro O Jardim das Aflições, de Olavo de Carvalho; Diadorim, Rio de Janeiro, 1995.

(9) Aliás, uma grande contradição da juventude moderna é a rapidez com que jogam seus pais no descrédito, para posar de rebeldes, enquanto, ao mesmo tempo, são influenciados por tudo à sua volta.

## FHC: “Racista” como eu

“Coisa é que admira e consterna”, diz o personagem Brás Cubas, do mulato Machado de Assis. Faço minhas as palavras do Bruxo do Cosme Velho: [os eventos que tomaram a PUC na quarta-feira passada](#) são, para dizer o mínimo, notáveis; para dizer o máximo... Bem, cada um saberá o que pensar.

O fato é que eu e mais três amigos publicamos um jornal (O Indivíduo) muito brando, quase anódino, em seu conteúdo – apesar dos temas tratados serem tidos como “polêmicos” – e fomos imediatamente atacados por uma multidão de alunos enfurecidos, que fizeram várias promessas contra a nossa integridade física. Promessas, aliás, que só não foram cumpridas graças à ação da segurança da universidade, que, mesmo assim, achou melhor que fôssemos embora o quanto antes, pois duvidava da possibilidade de nos manter inteiros se continuássemos na PUC.

Além disso, meus amigos foram avisados previamente de que qualquer tentativa de audiência com o reitor seria vetada. No dia seguinte, o reitor enviou uma carta à comunidade acadêmica em que condenava a nós, vítimas de uma agressão por parte dos alunos, como agressores. Cerca de cem pessoas perseguem três, e os agressores somos nós; aritmética muito curiosa, devo dizer.

O que pode haver de tão estarrecedor no jornal realmente me escapa. Há, é verdade, [um texto meu que questiona a realização de uma Semana da Consciência Negra na PUC](#), mas os argumentos, além de perfeitamente legítimos, são rigorosamente os mesmos utilizados pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em sua participação em uma série de documentários sobre os 500 anos de História do Brasil, segundo notícia da página 3 de O Globo de 24/11/97. O presidente e eu seguimos a linha de Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro: aqui no Brasil o povo se orgulha de ser miscigenado, e segundo o presidente, foi criada aqui “uma consciência muito especial”. Ou, como digo em meu artigo, o maior valor da cultura brasileira está justamente na desconsideração quanto ao fator raça – que não é mérito nem demérito –, integrando todos os povos que para cá vieram.

Se sou merecedor das acusações que me imputaram, também é o presidente Fernando Henrique Cardoso. E também os dois pilares da nossa ciência social, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Estou até agora completamente estarrecido – e creio que assim permanecerei por muito tempo – por ter sido tão atacado pelos alunos da PUC, filhos da elite carioca, e pela reitoria. Sou uma vítima que mal é capaz de entender o que aconteceu segundo os critérios mais comuns da razão humana, e só posso me arriscar a perigosas conjecturas se desejar uma verdadeira compreensão do assunto.

Parece-me que o que houve na PUC foi uma situação de totalitarismo; isso e mais nada. Totalitarismo da parte dos manifestantes; da parte do reitor, no mínimo imprudência, ao tomar partido dos agressores sem ter sequer ouvido o depoimento das vítimas.

O maior mal que posso me atribuir foi o de ter tido uma opinião contrária à do discurso dominante na PUC. Dominante não numericamente, note-se bem; acredito piamente que nosso jornal reflete a opinião da maioria silenciosa que integra o corpo de alunos da PUC. O discurso a que chamo dominante é dominante em termos de barulho, pois parte de um grupo organizado que se manifesta o tempo inteiro. A maioria mesmo permanece em silêncio, não se organiza e não se faz ouvir, ouvindo a minoria barulhenta sem sequer reclamar. Bater, jamais.